

O CORPO É PRODUTO DA CULTURA? OU O CORPO É PRODUZIDO CULTURALMENTE?

Sandra Cristhianne França Correia

Mda. NIEL/PPGED/UFPE.

Thamine Araújo

NIEL/UFPE

RESUMO

O artigo que aqui é apresentado discute o corpo como elemento da cultura, destacando a concepção de corpo das ciências biomédicas e sua tendência a uma universalização da cultura, a força da economia diante da diversidade cultural e as relações entre o corpo, ética e política.

ABSTRACT

This article deals with the body as an element of culture, highlighting the body conception in biomedicine and its tendency to cultural globalization, the strength of the economy facing cultural diversity and the relations between body, ethics and politics.

RESUMEN

El artículo que aquí se presenta discute el cuerpo como un elemento de la cultura, destacando la concepción de cuerpo de las ciencias biomédicas y la tendencia a una mundialización de la cultura, la fuerza de la economía frente a la diversidad cultural y las relaciones entre cuerpo, ética y política.

INTRODUÇÃO

Modismo... palavra que define como e o que vestiremos amanhã. O carro, o tênis, o corpo “sarado”... tudo produto de uma formação cultural ou apenas status?...

Apresenta-se neste texto o corpo como um elemento da cultura em meio a uma diversidade de culturas; e os indicadores dessas diferentes culturas, são marcados pelo seu tempo na história e espaço na natureza, a partir dos quais os seres humanos produzem a sua subsistência e todos os bens simbólicos, juntamente com a construção de si que se dá nesta interação.

A interconexão que estabelece com a cultura e a natureza, sendo integralmente de ambos os domínios, é que confere ao corpo humano sua singularidade no mundo e sua riqueza como ponto de partida para uma reflexão crítica, como temos procurado desenvolver(Silva,2001).

Muitas são as possibilidades de explorar o tema, poderíamos pensar, nos indícios de um desaparecimento da infância que surge a partir da unidade corporal; uma reconstrução da cultura infantil que, ante a indústria cultural, assume formas cada vez mais estereotipadas, demonstrando a força da mídia perante a construção dos sujeitos, em especial, na infância, como já vem sendo desenvolvido. Ou ainda, abrir mais uma discussão sobre a influência e as conseqüências que o mercado assume sobre os corpos, e as relações trabalhistas ante o imaginário social, a partir de outras esferas da vida, com a interiorização de relações maquinais e sua transferência para as interações sociais. Outro

caminho derivado desta reflexão sobre corpo e cultura, poderia ser na direção das questões de gênero e seu inacabamento no interior da cultura e da lógica predominante na atualidade, por discutirem a necessidade de uma revolução da sexualidade, que poderia conter mais promessas impossíveis e por isso, também novos equívocos e frustrações.

Considerando estas e outras possibilidades que, com certeza, estão além da capacidade até mesmo de observá-las, é que propomos a estruturar o texto a partir de três idéias centrais, quais sejam: a idéia de que no interior das ciências biomédicas, da qual a educação física ainda é um aprendiz fiel, permanece existindo apenas um corpo, tal qual nos primórdios da estruturação da ciência moderna no século XII, o qual serve de substrato, com o reforço a cultura científica, para uma tendência de mundialização cultural; a segunda idéia é que, apesar da diversidade de expectativas do corpo que permeiam as diferentes culturas, fundamentadas em critérios muito diversos daqueles da cultura ocidentalizada urbana moderna, há um investimento mercadológico não só em uma expectativa de corpo, mas num tipo de relação instrumental dos indivíduos com sua dimensão corporal, numa ampliação do que se pode chamar de cultura do consumo e do narcisismo; e por último, a idéia de que o corpo é que dá visibilidade ao ser humano e é sede dos direitos humanos fundamentais que dizem respeito ao direito à vida digna, o que o torna elemento central na reflexão ética e política.

O CORPO DA CIÊNCIA OU A CIÊNCIA DO CORPO; SUA MUNDIALIZAÇÃO REFERENCIAL.

O “corpo-referência”, linguagem própria das ciências biomédicas, é estruturado com base em uma perspectiva numérica, por que é formulado na base quantitativa, o que permite sua generalização, porque abstrato e pretensamente ahistórico e supra-cultural. A generalização dos dados estatísticos e medidas padronizadas, levam a uma tendência, mundialização de tal referencial de corpo que se sobrepõe às diversidades culturais, sob os preceitos da ciência.

Nas literaturas relacionadas à Medicina do Esporte e alguns ramos da Educação Física é freqüente o uso de conceitos e denominações como “modelo de referência” (McArdle; Katch; Katch, 1986), “peso corporal ideal” (Guedes, s/d). Estas definições usuais geram práticas de avaliação e intervenção sobre os corpos que se difundiram sobremaneira, constituindo uma parte importante do imaginário social, ainda que as condições objetivas não permitam os meios para atingir este corpo considerado ideal e, ainda menos, refletir criticamente a este respeito.

É notória essa questão se verificarmos a procedência da maioria das tabelas de base utilizadas para avaliação dos indivíduos, no que se refere à definição dos valores da média da população em peso, idade e em diferentes grandezas físicas. A partir da década de noventa, as equações são formuladas com base em novos estudos (Pollock e Wilmore, 1993), que se propõem a ser generalizada a várias populações, com diferentes composições corporais e faixas etárias. A generalização destes dados estatísticos reforça este indicativo da tendência à mundialização desta referência única no campo das biomédicas, sobrepondo-se às diversidades culturais.

O importante nesta questão é observarmos que os dados provêm dos critérios de utilidade do mundo do trabalho, posto que tal levantamento foi desenvolvido de acordo com os padrões de concessão de apólices de seguro aos trabalhadores norte-americanos.

Santos (1996) fala-nos desta capacidade de generalização como um fato característico das técnicas atuais, como é observado nos instrumentos, metodologias de mensuração e tabelas organizadas com base nos preceitos das ciências biomédicas nos

estudos e intervenções sobre o corpo. Podemos observar que este conjunto de procedimentos apresenta uma indiferença em relação ao lugar em que se instalam, e são repensados a partir da cultura de cada local, das subjetividades envolvidas ou as diferenças geográficas.

O crítico indo-britânico Homi Bhabha, em *O local da cultura*, (Bhabha,1998),faz uma consistente e instigante discussão sobre as oposições entre os conceitos de diversidade e diferença cultural, a partir de uma análise dos atuais movimentos teóricos e políticos de respeito às diversidades e ao multiculturalismo. Para Bhabha, o conceito de diferença cultural torna-se crucial na medida em que a diferença aí é vista como uma forma de enunciação da cultura, ou seja, como um processo complexo de significação, através do qual se produzem afirmações e se instituem práticas a respeito das diversas culturas, dos grupos sociais (diferenciados por geração, gênero, etnia, religião, profissão, situação econômica e social), das minorias, enfim, de todos os "diferentes". Estamos falando de práticas discursivas e não-discursivas que, por sua vez, engendram diferenças e discriminações muito concretas no âmbito das instituições. Estamos falando também de práticas profundamente articuladas a processos de dominação e de resistência.

Podemos observar a força ideológica do discurso científico em algumas instituições, acadêmicas ou profissionais, atuando no sentido de uma “colonização da cultura” pelos parâmetros deste modelo de ciência.

CORPO... IMAGEM CEGA, IMAGEM VENDIDA!?

As características culturais, assim como as necessidades eleitas por cada cultura, não podem ser definidas por uma perspectiva naturalista, como se fossem decorrência d uma condição inata ou da “natureza humana”. Nesta fase da modernidade, cada vez mais se expandem as necessidades induzidas pela ordem econômico-social capitalista e por sua lógica de mercado fundamentada no consumo produzido pela ciência, com informações sobre o corpo, à saúde, a beleza, sempre repetido pelos meios de comunicação de massa, vai alterando as diferentes culturas que incorporam e reconstroem suas formas de ser. Este discurso científico e esta linguagem cientificista da mídia fazem um recorte superficial do humano, criando outro conceito do que é ser humano. Como nos dia Nietzsche (1987), os conceitos são metáforas com a força de construção de outra realidade, criando, por isso, nova dualidade entre o discurso e o mundo. Gera-se então, uma cultura que leva os indivíduos a interiorizarem uma forma de comportamento que os faz permanecerem presos às imagens intermediadas pela publicidade (Haug,1997) e à “evolução cega da economia” (Horkheimer e Adorno,1985,p.50), a tal ponto de encobrirem esta lógica em suas próprias consciências.

A partir de tal perspectiva, podemos pensar criticamente acerca da beleza corporal e do que é “ser saudável”, conceitos difundidos pelo mercado com base no modelo que a ciência propõe e que se tornaram signos estéticos valiosos. A fase atual da economia de mercado tem se caracterizado em larga escala os signos estéticos que serão consumidos. A homogeneidade destes signos é fruto de uma racionalização que enquadra a beleza como elemento calculável da existência”, nas palavras de Adorno (1993,p.150), o que faz com que pareça apropriado na esfera do consumo.

A idéia do mercado influencia ao enquadramento da beleza corporal, uma objetivação estética que reforça um sentimento de posse, ao mesmo tempo que um distanciamento ou uma perspectiva de exterioridade do corpo. Vemos a constituição de um mercado das aparências no qual o corpo que quiser; mais uma dicotomia de difícil resolução para o indivíduo e a cultura urbana da atualidade. As imagens utilizadas pela

propaganda, de maneira sublimar ou não, são de juventude em liberdade, imagens de opulência e saúde, temperadas pelo erotismo e vinculadas, em geral, a uma estética da magreza. A intermediação das imagens veiculadas acaba por constituir parte dos indivíduos e das culturas: o corpo assume os traços destas imagens e dos artigos ali expostos, em detrimento das raízes étnicas e culturais e da individualidade em questão.

Podemos observar as características desta lógica mercantil no interior de algumas práticas corporais como o esporte, as ginásticas, os jogos e as lutas, especialmente para aquelas que se mercadorizaram na forma de espetáculo. Neste caso, é o enquadramento pela lógica da performance, da eficácia e do rendimento que se constitui em critério estético predominante, como discutimos anteriormente (Silva, 1991). Os efeitos do fenômeno da mercadorização foram observados em outras áreas relacionadas à cultura, como nos indica Bosi (1987, p.11): “ a festa, exibida mas não partilhada, torna-se espetáculo. Nesse exato momento, o capitalismo se apropriou do folclore, ocultando o seu teor original de enraizamento”, teor este também existente nas práticas corporais oriundas da classe popular.

A separação que poderemos estar vivendo em breve no planeta não é só entre Ocidente e Oriente, ricos e pobres, diferentes culturais ou etnias. É uma diferença que pode ser instituída pela bioengenharia e apropriada, na esfera do mercado, por aqueles que tiverem condição financeira para isso. As transformações que a tecnologia parece estar organizando para a estrutura orgânica e corporal dos seres humanos podem chegar a um ponto que a diferença se estabeleça, criando, a partir de uma “cortina de ouro”, como chama Buarque (2001), uma ruptura biológica na espécie humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de estudos como esses, velhas oposições como as que existem entre sujeito e cultura, indivíduo e sociedade, privado e público são mobilizadas, tomam novas formas e sugerem a necessidade de outras investigações e análises, que dêem conta não só de um determinado espaço cultural (a mídia), mas também das próprias formas de enunciar a cultura e as diferenças em nosso tempo e de promover nela processos de subjetivação. Buscamos o avanço exatamente na busca de novas interpretações sobre a cultura e sobre os processos pedagógicos mais amplos, que incluem múltiplos e complexos cruzamentos entre o cultural e o individual, o público e o privado, o sociológico e o psicanalítico.

Devemos reconhecer que a questão fundamental diz respeito à condição de vida digna à qual todos os seres humanos deveriam ter direito e que só pode ser auferida pela visibilidade que o âmbito corporal propicia, com toda sua expressividade, que se mostra para além da mera aparência.

Conhecermos a realidade criticamente, importante por si só, pode nos ajudar a “aprender por onde e como isso que existe hoje poderia não ser mais o que é... abre um espaço de liberdade concreta, ou seja, de transformação possível”, como nos fala Foucault (2000, p. 325). Este é o sentido que encontramos para o pensamento crítico num momento em que o véu da tecnologia e da lógica do capital recobrem tudo; se o pensamento crítico é pessimista é porque o sofrimento (não só humano) não pode ter justificativas. Talvez, sendo pessimistas perante o paradoxo existente, poderemos nos permitir ver e sentir o otimismo do *não-existente*.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. *Mínima Moralía: reflexões a partir da vida danificada*. São Paulo: Ática, 1993.
- _____. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. *Belo Horizonte: Editora da UFMG*, 1998.
- BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BUARQUE, C. *O caminho da modernidade ética é a educação*. *InfrmAndes*, Brasília, n.104, Abril/2001.
- FOUCAULT, M. *Ditos escritos II: arqueologia das ciências humanas e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- GUEDES, D.P. *Composição Corporal: princípios, técnicas e aplicações*. Florianópolis: Ceitec, s/d.
- HAUG, W. F. *Crítica da Estética da mercadoria*. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- McARDLE, W. KATCH, F.; KATCH, V. *Fisiologia do exercício*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- NIETZSCHE, F.W. *Gaia Ciência. Obras incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- POLLOCK, M.; WILMORE, J. *Exercícios na saúde e na doença*. Rio de Janeiro: Editora Médica e Científica, 1993.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SILVA, A. M. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da realidade*. Campinas: Autores Associados, Florianópolis: Ed UFSC, 2001.

Endereço: Rua Sebastião Alencar Salazar, 132. Cidade Universitária – Recife – PE, 50754-370. jgsannane@yahoo.com.br. Fone: 34531404